

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

O levantamento arquitetônico em perspectiva crítica: experiências didáticas no canteiro de restauração da Vila Itororó, São Paulo

Pedro Murilo Gonçalves de Freitas¹

Resumo

Este artigo relata a sistematização de estratégias didáticas desenvolvidas no Projeto “Canteiro Aberto” inserido no conjunto edificado da Vila Itororó em São Paulo e coordenado pelo Instituto Pedra, destinadas a um grupo de jovens arquitetos e estudantes estagiários em arquitetura pouco familiarizados com práticas de reconhecimento da arquitetura histórica para fins e restauração conservativa. A partir de contato solicitado pela equipe, possibilitou-se desde junho de 2015 a cooperação científica do GCOR-Arquitetura/Unicamp nas atividades de levantamento arquitetônico em andamento no canteiro de obras de restauração recém-instalado no local. Em alinhamento ao que propõe este GT neste evento, busca-se refletir sobre os limites e dificuldades na inserção de metodologias preservacionistas no cotidiano profissional em prol da difusão de boas práticas de intervenção nos bens culturais brasileiros.

Palavras-chave

Projeto de restauração arquitetônica. Levantamento arquitetônico. Canteiro. Vila Itororó.

1 Introdução

Nas últimas décadas, a importância social e a crescente diversidade do patrimônio histórico-arquitetônico na paisagem urbana tem possibilitado o desenvolvimento de diversos instrumentos para a reinserção dos bens culturais na vida cotidiana. Inventários temáticos, normas de salvaguarda e políticas de valorização patrimonial, para citar alguns exemplos, têm se tornado cada vez mais conhecidos. Tal processo é efeito direto da ampla afirmação da Restauração Arquitetônica como disciplina em meados do século passado, quando se sistematizou um *corpus* normativo de aceitação internacional a partir de problemas técnicos e conceituais que visavam deter processos naturais de degradação da arquitetura histórica.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolve a pesquisa “Piero Sanpaolesi: História, Ensino e Projeto de Restauração Arquitetônica na Escola Florentina”, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo nº 2015/02022-7.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

O projeto arquitetônico, como um desses instrumentos de preservação da arquitetura existente, mas também como o principal recurso operativo dos arquitetos para transformação dos espaços e da paisagem construída, tem sido solicitado a oferecer métodos que ampliem a longevidade dos edifícios, usufruindo de estudos e ampliando o uso da construção tradicional. No entanto, basta observar a arquitetura corrente produzida nas cidades brasileiras para observar a pouca atenção a que se dá ao tema no país.

De acordo com o professor Mário Mendonça de Oliveira (1989), durante boa parte do século XX, a arquitetura padecia de um “grande cisma” que especializou a produção e distanciou as instâncias de **representação** (da idéia) e de **construção** (da obra), historicamente vinculadas ao longo do tempo. A especialização do projeto, constituída em grande parte pela ilusão de uma capacidade infinita do ato de projetar ou que pouco se condiciona aos limites e da natureza dos materiais é um dos responsáveis pela perda do conhecimento das técnicas antigas e o conseqüente empobrecimento da arquitetura.

Apesar do estímulo à modificação desse quadro nos últimos vinte anos pelas chamadas “*Técnicas Retrospectivas*”, disciplinas criadas com o fim de inserir na formação básica dos arquitetos “*as práticas projetuais e as soluções tecnológicas para a preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação e reutilização de edificações, conjuntos e cidades*” (BRASIL, 1994:3), estas têm sido comumente vistas apenas sob a ótica da “sensibilização” patrimonial – quando se subentende ligado à área do “patrimônio histórico” – , sem necessariamente se aterem aos meios concretos de intervir adequadamente nessas arquiteturas em prol da tradição construtiva (SCHLEE et. alli., 2003). Apesar de alguns experimentos positivos, em sua maioria nas universidades públicas, são cursos que dificilmente estimulam o contato direto com os problemas dos materiais, a degradação, os agentes agressivos, não observando o papel do projeto restauração arquitetônica e dos critérios conservativos de intervenção mínima e valorização da substância histórica dos edifícios como “*ativadores intelectuais da necessidade de conhecer bem melhor a ciência e a tecnologia desenvolvidas na construção*” (OLIVEIRA, 1989:121).

A formação universitária brasileira pouco tem feito para alterar este paradigma. Projetar a preservação segue sendo uma atividade menor diante do conjunto global das intenções, do “partido”. Ainda, o ensino de arquitetura ampliou-se consideravelmente nos últimos anos de

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

uma forma precária e deficiente, enfatizando, ainda mais a “*imaterialidade*” (PISANI et. alli, 2009). Nesse quadro, é comum nas chamadas disciplinas de “síntese projetual” o alto valor atribuído à *idéia*, à resolução de problemas programáticos e funcionais, com grande ênfase à genialidade seguida do seu detalhamento (quando acontece), dando função secundária aos materiais. Porque menos trabalhoso, “*ao tornar seu trabalho completamente dependente de um gesto pessoal e intuitivo, uma explosão criativa pessoal e intransferível, o arquiteto acaba por submetê-lo a uma aceitação in totum, com pouca ou nenhuma possibilidade de diálogo com os demais agentes envolvidos no processo de produção da Arquitetura*” (PISANI et. alli, 2009:3).

Ora, imerso nesse sistema, que não considera o que é alheio a si mesmo, o arquiteto perde a sua capacidade de compreender as demandas, o ambiente e a historicidade profissional de um repertório pretérito de viabilização da transformação do espaço construído, uma habilidade essencialmente técnica. Nesse ínterim, a Restauração Arquitetônica, que exige a compreensão ponderada dos valores memoriais dos edifícios para a seleção do que pode ser suprimido, adicionado, alterado ou conservado, não pode valer-se deste mesmo aparato metodológico para atingir os fins preservacionistas propostos com eficácia. E aí se instaura um já conhecido impasse entre “criação” e “preservação”, superficialmente postos em lados distintos no cotidiano profissional.

Com que medidas é possível controlar o avanço desse quadro? Como *professores*, quais instrumentos podem ser criados, mesmo num sistema estabelecido de pouca transformação em curto prazo, para que sejam desenvolvidas didáticas em favor da pesquisa, tratamento e experimentação projetual para a arquitetura histórica existente?

Este artigo relata a sistematização de estratégias didáticas desenvolvidas no Projeto “Canteiro Aberto” inserido no conjunto edificado da Vila Itororó em São Paulo e coordenado pelo Instituto Pedra, destinadas a um grupo de jovens arquitetos e estudantes estagiários em arquitetura pouco familiarizados com práticas de reconhecimento da arquitetura histórica para fins e restauração conservativa. A partir de contato solicitado pela equipe, possibilitou-se desde junho de 2015 a cooperação científica do GCOR-Arquitetura/Unicamp nas atividades de levantamento arquitetônico em andamento no canteiro de obras de restauração recém-instalado no local. Em alinhamento ao que propõe este GT neste evento, busca-se refletir

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

sobre os limites e dificuldades na inserção de metodologias preservacionistas no cotidiano profissional em prol da difusão de boas práticas de intervenção nos bens culturais brasileiros.

2 Estudo de caso

O Projeto “Canteiro Aberto” (Figura 1) é uma proposta do Instituto Pedra, associação cultural sem fins lucrativos, em parceria com a Prefeitura de São Paulo, que desde abril de 2015 busca a integração de atividades culturais às ações de recuperação física na Vila Itororó, conjunto de casas construídas na década de 1920 com materiais tradicionais e de grande estratificação física (VILA ITORORÓ..., 2016).

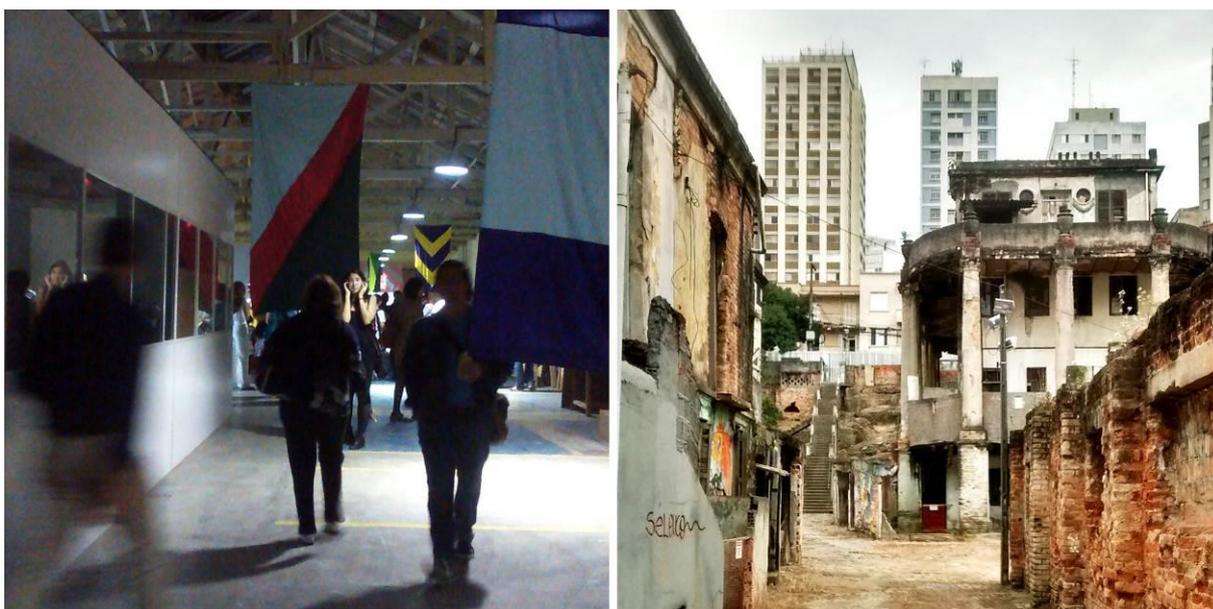


Figura 1 – Projeto Canteiro Aberto, Vila Itororó, São Paulo. Fotos do autor, 2015.

A Vila, composta de vários edifícios multifamiliares, é o resultado de diversas alterações, ampliações e contenções das encostas lindeiras feitas pelo seu construtor e demais ocupantes, adaptando-se à topografia às margens do Rio Itororó, hoje canalizado sob a Avenida 23 de Maio no Bairro da Bela Vista. Pela sua implantação irregular e excepcional conjugação de materiais tradicionais reciclados (D’ALAMBERT; FERNANDES, 2006), o conjunto arquitetônico que a caracteriza é hoje tombado pelo Estado (2005) e Município (2002) de São Paulo.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

Apesar do recente reconhecimento de sua importância arquitetônica, o local tem sido objeto de diversas propostas globais de intervenção física ao longo de quase de 40 anos², inserindo-se em planos mais amplos para a região da Bela Vista como pólo gastronômico-cultural. A viabilização destas ações, no entanto, incorporava a complexa questão habitacional existente até 2014, quando famílias de baixa renda que ocupavam os edifícios e o conservavam como podiam foram realocadas em outros imóveis no próprio bairro. Por isso, diante da importância memorial do conjunto, pretendeu-se viabilizar no canteiro de obras um espaço temporário de atividades culturais, visando combinar ações para a valorização do patrimônio histórico e promover a discussão técnica de procedimentos conservativos, incluindo a colaboração avançada de associações, institutos e universidades na direção destes objetivos.

As dificuldades operativas para a implantação das intervenções físicas propostas impunham, então, diversos desafios que só poderiam ser enfrentados com o estudo contínuo das características específicas da Vila Itororó como patrimônio histórico-cultural, **materializadas no corpo dos edifícios históricos**. O reconhecimento dos edifícios, algo que ainda não havia sido feito de modo sistemático utilizando critérios técnicos de procedimentos de levantamento arquitetônico profícuos à intervenção s, estimulou a revisão de inúmeros parâmetros projetuais estabelecidos inicialmente. Era preciso habilitar, não apenas a destinação programática no corpo dos edifícios, mas todo um conjunto de ações que procurassem avaliar e sanar os graus críticos de estabilidade física das edificações, os elementos espúrios e passíveis de remoção, os materiais subtraídos ou adicionados para o esclarecimento da história construtiva, entre outros, comuns a projetos de restauração conservativa. Isto predisps a pequena equipe de arquitetura do Instituto Pedra, constituída de 4 arquitetos e 6 estudantes e estagiários de arquitetura, pouco familiarizada a metodologias correntes de reconhecimento de edifícios históricos, a qualificar multidisciplinarmente a intervenção efetiva nos edifícios.

O desafio, portanto, situava-se no campo dos procedimentos de um projeto de restauração arquitetônica, que, por ser visto pelo “hábito” do projeto arquitetônico do edifício *ex novo*,

² O histórico de projetos para a área remonta as primeiras propostas do professor Benedito Lima de Toledo, quando dos primeiros estudos para o seu tombamento, tendo como objetivo a consolidação no local de diversos bares e restaurantes, às últimas intenções finalizadas em 2014 para a elaboração de um centro cultural gastronômico, todas em conjunto com o arquiteto Décio Tozzi. Cf. TOLEDO; TOZZI, 1978.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

possuía outras exigências pela avaliação global da arquitetura construída e não somente do partido a adotar. Diferentemente dos arquitetos “na prancheta”, aos arquitetos “no canteiro” colocava-se a questão: *como conseguir conciliar os desejos do projeto estabelecidos para a área com as características constituintes do conjunto e indicativos históricos oferecidos pela aparência, materiais aplicados e estratificações parietais e estruturais ao longo do tempo para uma adequada impositação do projeto de restauração?*

Não seria possível sem rever também o instrumental projetual condicionado pela prática profissional. No cotidiano do trabalho da equipe, mostrava-se insuficiente a mera pretensão dos novos usos. Para garantir a adequada realização das ações a serem planejadas, era preciso um levantamento arquitetônico convertido a processo **crítico**, ou seja, como instrumento de *ampliação da cognição histórica da construção existente* para a produção de **documentos** sobre os estados pretéritos das edificações, com variados graus de aproximação e fidedignidade construtiva.

Recentemente, a *fotogrametria digital*, isto é, a medição de distâncias dos objetos por meio da fotografia tomada com instrumentos digitais, tem sido uma das mais importantes ferramentas para a satisfação dessas demandas já que, entre muitas funções, destaca-se acentuar exponencialmente os dados coletados em campo para o projeto. A popularização da técnica causada pela redução significativa de custos nos últimos anos tem facilitado seu uso cotidiano. De fato, sua eficácia compreende também uma alta capacidade **pedagógica**, permitindo a compreensão de texturas, padrões, cores, elementos construtivos e alterações visíveis de modo muito rápido e intuitivo para o arquiteto restaurador e a muitos outros profissionais interessados nas construções antigas. Associada a processos tradicionais de medição, a fotogrametria digital oferece diversos produtos gráficos que subsidiam a elaboração de hipóteses sobre a história dos processos de fabricação e alteração dos edifícios. Como já salientava Piero Sanpaolesi (1972:63-4, tradução nossa),

o levantamento adequado de fato, além das necessárias representações dos paramentos, formas e policromias, deve indicar com exatidão as estruturas dos elementos arquitetônicos, como são construídos os arcos, as coberturas e também as estruturas de fundação. (...) Os métodos são ou aquele tradicional da medida direta de cada elemento, que se pode executar logo após terem sido levantados os pontos para o início dos trabalhos (...), ou aquele fotogramétrico. Cabe dizer que o primeiro é muito menos preciso que o

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

segundo (...), mas já que o método fotogramétrico não pode oferecer uma boa redução dos “perfis” é sempre necessário uma integração dos dois métodos: sobretudo onde as medidas principais são tomadas com a fotogrametria. A sucessiva reprodução gráfica deverá então reproduzir com exatidão, conforme adaptadas escalas métricas, para tornar claramente inteligível por meio de uma grafia bem estudada, o aspecto geral do edifício e sua forma.

Com base nessas premissas, e aproveitando o ambiente altamente propício em canteiro, a metodologia dos trabalhos do GCOR-Arquitetura/Unicamp no Projeto “Canteiro Aberto” procurou viabilizar a realização de oficina de qualificação técnica para a equipe de arquitetura instalada *in loco* (Figura 2) no âmbito das atividades de levantamento arquitetônico em andamento, visando também o planejamento futuro de demais atividades de reconhecimento temático do conjunto arquitetônico.

A oficina que constituiu a base deste estudo foi denominada “*Processos de levantamento métrico-arquitetônico de edifícios históricos: sistemas tradicionais e contemporâneos*” com duração de 30 horas entre agosto e setembro de 2015. Visou oferecer, em um primeiro módulo, um panorama sobre técnicas de medição tradicionais – já utilizadas pela equipe – e, num segundo, desenvolver a capacitação técnica em fotogrametria digital para a qualificação do registro das discontinuidades materiais e da casuística das construções.



Figura 2 – Oficina “*Processos de levantamento métrico-arquitetônico de edifícios históricos: sistemas tradicionais e contemporâneos*”, Vila Itororó, São Paulo. Fotos do autor, 2015.

Não se tratou somente de um curso de capacitação instrumental ou a exposição de “*softwares*” ou equipamentos, mas atividades onde se pudessem também sistematizar e

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

aplicar cinco **estratégias didáticas**³ de transformação de práticas habituais de projeto e a reaproximação crítica à arquitetura histórica destinadas a equipes de projeto heterogêneas ou a estudantes de arquitetura.

Estas estratégias, que abaixo resumimos, puderam ser definidas em *reconhecimento*, *aproximação*, *experimentação*, *síntese* e *autonomia*.

a) Reconhecimento

O *reconhecimento* é o primeiro contato com o grupo de trabalho. Trata-se de uma estratégia que implica na verificação do repertório teórico e técnico da equipe de modo a planejar as ferramentas de ensinagem, verificando as características individuais dos seus membros e a compreensão do ferramental disponível e a habilidade do grupo em trabalhá-los (FREITAS, 2012). Serve, portanto, mais à organização do curso proposto e à verificação das demandas e das dificuldades operativas iniciais, servindo de base para planejar a extensão e o tempo previsto para o seu desenvolvimento.

Na oficina realizada, correspondeu à: a.1) *identificação* do grupo; a.2) avaliação do *repertório* técnico e teórico; a.3) *planejamento* e definição dos casos de estudo em canteiro (2h);

b) Aproximação

A partir desse planejamento global, puderam-se iniciar as atividades de ensino-aprendizagem propriamente ditas, explorando as vantagens do canteiro de obras enquanto ambiente propício para oferecer uma *aproximação* direta aos temas abordados e ao trabalho a ser realizado pelo grupo. Sobretudo, buscou-se consolidar princípios normativos exigidos pela Restauração Arquitetônica, dando a conhecer variados casos de trabalho similares realizados pelo GCOR-Arquitetura/Unicamp em obras de restauração. Valorizou-se, sobretudo, a qualificação da leitura dos edifícios a partir da observação criteriosa dos materiais constituintes da arquitetura histórica (FREITAS; TIRELLO, 2013), caracterizando-se, sob o ponto de vista dos instrumentos, como a fotogrametria digital permitiu o desenvolvimento de um percurso experimental de reconhecimento técnico para a correta intervenção.

³ Adota-se o uso da palavra *estratégia* como definida pela Pedagogia, ou seja, “a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, visando a ativação da ensinagem” (ANASTASIOU; ALVES, 2009:68).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

Na oficina realizada, correspondeu à: b.1) aulas de *revisão* teórica e de procedimentos normativos em âmbito disciplinar (2h); b.2) *avaliação* dos limites metodológicos relativos ao levantamento arquitetônico em andamento (1h); b.3) aulas de *apresentação* de estudos de caso e de experiências recentes (2h); b.4) aulas específicas de *conceituação* de fundamentos técnicos e funções cognitivas da fotografia no registro da arquitetura (2h); b.5) *discussão* sobre os ganhos esperados para o aperfeiçoamento técnico da equipe em canteiro (1h).

c) **Experimentação**

A *experimentação* é a principal estratégia a ser desenvolvida pelo professor, mas também a que exige maior controle para sua eficácia já que seu desenvolvimento é em grande parte dependente da relação mediada entre o estudante e o meio. Pode-se dizer de modo geral que consiste na testagem dos conceitos discutidos até o momento diretamente em campo, exigindo-se duas abordagens: uma **coletiva** – para a condução global das atividades previstas – e outra **individualizada**, que instiga à elucidação de questionamentos ou dificuldades iniciais relativas ao repertório instrumental e teórico de cada um. É somente diante da real natureza da complexidade de elementos constituintes dos edifícios que se podem revelar as inseguranças resultantes do ensino deficitário e o interesse pela sua inversão.

Na oficina realizada, correspondeu à: c.1) definição do enquadramento dos *casos de estudo* e preparação dos instrumentos de trabalho em campo (1h); c.2) *testagem* do equipamento fotográfico e avaliação das condições do meio (2h); c.3) *elucidação prática* de métodos para a obtenção de medidas – orientada ao objeto ou a partir de alvos referenciais (2h); c.4) *aplicação* de procedimentos de retificação fotogramétrica para a elaboração de mosaicos ortofotográficos (2h); b.5) *discussão* sobre as dificuldades encontradas, em especial relativo ao detalhamento das características físicas do objeto de estudo (1h).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

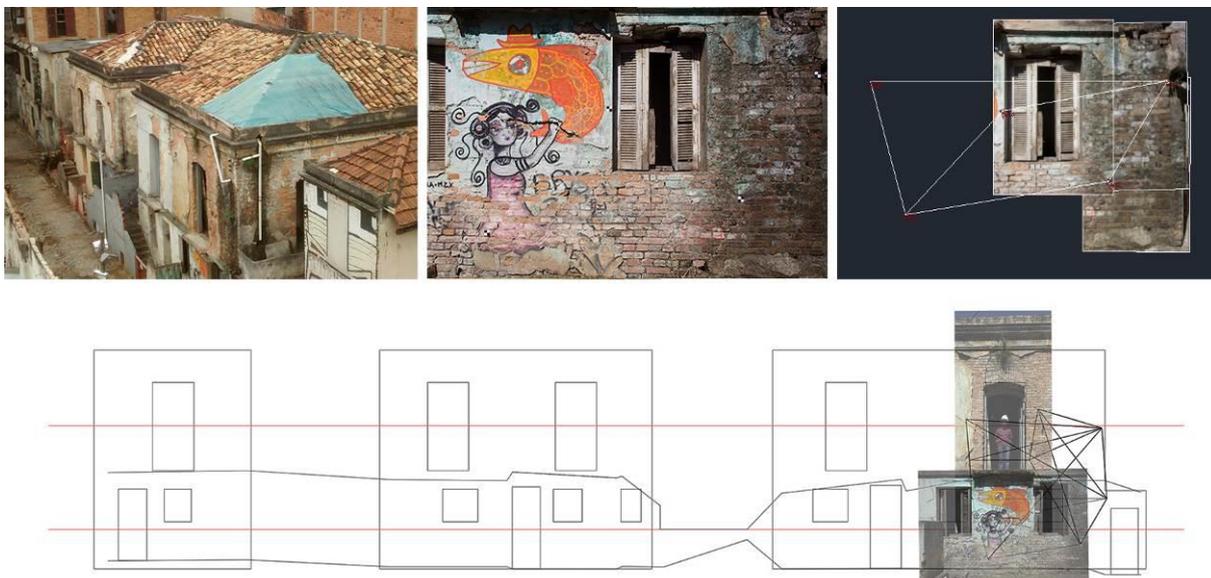


Figura 3 – Procedimentos de estudo para o uso da fotogrametria digital de baixo custo no Projeto Canteiro Aberto, Vila Itororó, São Paulo. Acervo Instituto Pedra, 2015.

d) Síntese

A *síntese* é a combinação coerente das experiências anteriores de ensino em resultados inteligíveis, qualificados em acordo com o grau de compreensão dos procedimentos e da própria arquitetura histórica pelos estudantes. De fato, trata-se de uma estratégia transversal a todas as demais, já que sínteses devem ser solicitadas em vários momentos pelo educador durante o processo de ensinagem. No canteiro, enquanto voltada à documentação da arquitetura histórica, trata-se da **tradução** a linguagens específicas e com várias temáticas possíveis das informações coletadas, no caso, a morfologia dos edifícios. São esperados dois efeitos intrínsecos: a *percepção* gradual de diferentes elementos e substratos constituintes da construção e a *materialização* de produtos gráficos com o delineamento das alterações visíveis registrados pela ortofotografia associados ao levantamento cadastral já realizado (Figura 4).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

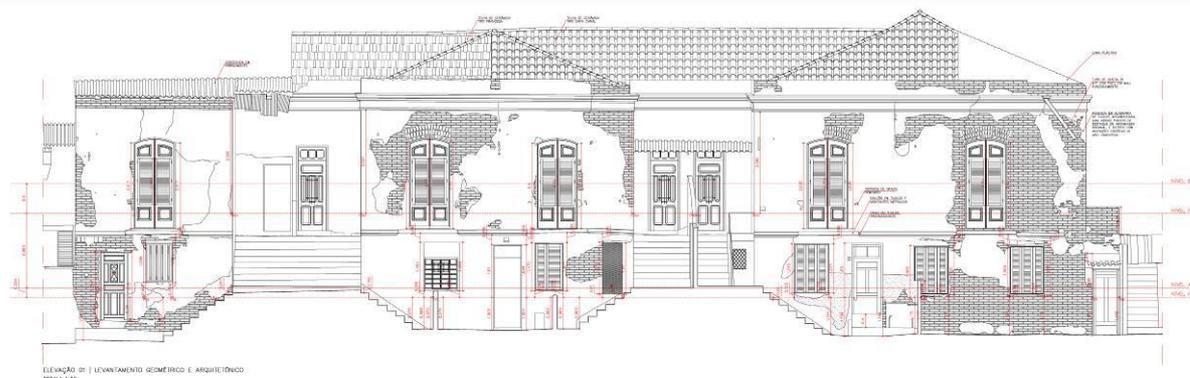


Figura 4 – Fachada das casas 5 e 6, Vila Itororó, São Paulo. Acervo Instituto Pedra, 2015.

Na oficina realizada, correspondeu à: d.1) *processamento* em suporte CAD (2h); d.2) *orientação* dos suportes gráficos consoante os objetivos da equipe (2h); d.3) avaliação dos produtos resultantes (2h); d.4) *comparação* dos procedimentos a suportes automatizados (*softwares* de fotogrametria) visando a *discussão* de procedimentos de controle, acuidade e operação (2h).

e) **Autonomia**

Experimentação e síntese, quando realizados de forma combinada e sucessiva devem conduzir à *autonomia*, a última estratégia e a que menos requer interferência docente. Isto porque trata-se da organização do conhecimento adquirido pelos estudantes propiciada pelo estímulo ao exercício continuado de trabalho, por vezes adaptando-se a novas aplicações. Quando acontecem, permitem a verificação não mais condicionada pela mediação da ensinagem, mas permite aos estudantes tornarem-se eles próprios os verdadeiros agentes na construção de novas sínteses (FREIRE, 1996). No canteiro, e em especial durante as práticas de levantamento arquitetônico, pode-se dizer que se atinge a autonomia quando se obtém o equilíbrio metodológico entre a observação e documentação replicável a vários objetos de modo independente pelo estudante ou operador (Figura 5).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12



Figura 5 – Planta de forro das casas 5 e 6, Vila Itooró, São Paulo, realizados após o encerramento da oficina pela equipe de arquitetura do Instituto Pedra. Acervo Instituto Pedra, 2015.

Na oficina realizada, correspondeu à: e.1) *caracterização* do empenho produtivo em comparação aos ganhos cognitivos da arquitetura histórica; e.2) *orientação* na revisão dos procedimentos técnicos e *avaliação* de novas aplicações possíveis; e.3) *discussão* final.

3 Considerações finais

Não há como negar hoje o papel fundamental do patrimônio arquitetônico para a formação contemporânea dos arquitetos. A tendência mundial de valorização da arquitetura existente, o crescimento e a regulamentação de instrumentos de apoio a procedimentos de projeto em áreas como o conforto no edifício, a gestão da qualidade das construções ou da manutenção e recuperação das estruturas urbanas, entre outros exemplos, são expressões claras de um processo gradual de renovação da arquitetura no século XXI.

Neste trabalho, buscou-se sistematizar estratégias que podem ser desenvolvidas por docentes em vários níveis para enfatizar essa tendência, ou seja, diante do “distanciamento” do canteiro, a necessidade de se ressaltarem instrumentos para a reconquista do reconhecimento dos edifícios históricos no projeto arquitetônico. Sobretudo, afirma-se que o uso de coerente de determinadas técnicas – ainda que não tão recentes como a fotogrametria para o levantamento arquitetônico – podem estimular a “transformação de mentalidades” diante da

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

especialização excessiva e da dificuldade de considerar a arquitetura histórica também como um grande repertório de soluções projetuais e construtivas de alto valor contemporâneo. A atividade, longe de ser simples, é parte própria da docência e precisa ser efetivamente assumida como tal. Como salienta Paulo Freire, (1996:13),

o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma das suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

Nesse sentido, como afirma Edgar Morin (2003:16),

devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.

A chave para uma nova responsabilização dos arquitetos aos problemas da preservação não reside, portanto, somente no plano metodológico ou dos instrumentos, no conhecimento científico *per se* e que tanto a disciplina da Restauração Arquitetônica esforçou-se em desenvolver nas últimas décadas, mas, sobretudo, na ampliação da mente humana através da educação. Para professores, profissionais e estudantes de arquitetura, este sim ainda parece ser o desafio.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Referências bibliográficas

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. *Estratégias de ensinagem*. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5ed. Joinville: Univille, 2009. pp. 67-99.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Portaria n. 1770, de 21 de Dezembro de 1994**. Brasília: MEC, 1994.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

14

D'ALAMBERT, C. C.; FERNANDES, P. C. G. *Bela Vista: a preservação e o desafio da renovação de um bairro paulistano*. **Revista do Arquivo Municipal**, v. 204, p. 151-168, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em <http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf>. Acesso em 13 jun. 2016.

FREITAS, P. M. G. *Comparação crítica entre demandas e técnicas de levantamento: o papel da memória em projetos de conservação e restauração arquitetônica*. **Resgate**, Campinas, v. XIX, n. 23, p. 128-138, jan./jun. 2012.

FREITAS, P. M. G.; TIRELLO, R. A. *A taipa de pilão da tulha da antiga Chácara Paraíso: novas estratégias para documentação da arquitetura tradicional paulista*. CONGRESSO DE HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO LUSO-BRASILEIRA, 1., Vitória., **Anais eletrônicos...** Vitória: UFES, 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, M. M. *A prancheta, o canteiro e a durabilidade do construído*. **RUA**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 117-131, 1989.

PISANI, M. A. J.; CALDANA, V.; VILLÁ, J.; AMODEO, W. *O ensino do projeto de arquitetura e urbanismo: um canteiro experimental*. SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA, 4., Natal., **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2009. Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1484>>. Acesso em 13 jun. 2016.

SANPAOLESI, P. **Discorso sulla metodologia generale del restauro dei monumenti**. Firenze: EDAM, 1972.

SCHLEE, A.; MEDEIROS, A. E.; FERREIRA, O. *Dissociação, fragmentação e união: a experiência do ensino de Técnicas Retrospectivas*. SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA, 1., Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2003. Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/1173/1/CO46.pdf>>. Acesso em 19 jul. 2014.

TOLEDO, B. L.; TOZZI, D. *Vila Itororó: projeto de recuperação urbana*. **C.J. Arquitetura**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 54-60, 1978.

VILA ITORORÓ: CANTEIRO ABERTO. São Paulo: Instituto Pedra, 2016. Disponível em: <<http://www.vilaitororo.org>>. Acesso em 13 jun. 2016.